

Imprensa e Congresso

PAULO GOUVÊA *

A imprensa brasileira tem mantido vigilância cerrada em relação à ação do Congresso Nacional, exercendo função de grande importância para o correto e eficiente funcionamento das duas casas legislativas.

Registre-se que essa atenção tem-se voltado particularmente para aspectos negativos da ação do Parlamento. Em grande parte, esse tipo de abordagem tem sido motivado pelo próprio Congresso. Escândalos e inoperância não são simples invenções da imprensa.

É preciso, contudo, não desprezar certas precauções do bom observador da cena política, sob pena de induzir o público a conclusões injustas e apressadas da ação parlamentar. Cito dois exemplos recentes.

Na quarta-feira de cinzas, as emissoras de TV utilizaram longo espaço para mostrar o plenário da Câmara ocupado apenas por meia-dúzia de deputados que teriam chamado a imprensa para registrar o fato e manifestar sua *revolta* pela não realização de sessão naquele dia. Atitude nobre, não fosse o fato de que era antecipadamente sabido por todos os deputados que tal sessão não se realizaria.

Na segunda-feira seguinte, a Câmara tinha presença maciça dos parlamentares. Entre os ausentes, pelo menos um deputado que havia denunciado a não-realização de sessão após a terça-feira gorda. Dentro das circunstâncias, o registro dessa peculiar ausência seria relevante para entender o verdadeiro e a sinceridade do gesto praticado dias antes na presença da imprensa. Todavia, nem um registro foi feito.

No início dos trabalhos legislativos realizou-se sessão conjunta do Congresso (Senado e Câmara), convocada por seu presidente, senador José Sarney. Ao final, nova sessão foi por ele convocada para uma semana depois. Isso bastou para que um conceituado jornalista usasse seu tempo na TV para tecer comentários desabonadores ao Con-

gresso, transmitindo a falsa impressão de que os parlamentares ficariam liberados de sessões durante o resto daquela semana. Esqueceu-se de dizer que as duas casas realizariam suas sessões normais durante a semana, voltando a reunir-se conjuntamente apenas na data marcada.

Custo a acreditar que a imprensa esteja comprometida com um processo de descrédito do Congresso. A imprensa deve saber que sem Congresso não há liberdade e não há imprensa livre. Prefiro crer que ela fustigue os parlamentares com o elevado propósito de vê-los trabalhando mais e melhor. Mas, nesse caso, com entender que, em dia de sessão, casa cheia, a presença dos parlamentares acabe sendo explicada, por alguns veículos, apenas como medo de desconto de salários dos faltantes?

Ao fazer essas observações, deixo claro que estou longe de defender o cerceamento da liberdade de imprensa e de informação. Pelo contrário, entendo que essa liberdade é vital para a democracia.

Não posso ignorar, porém, esta tendência da imprensa para destacar as eventuais mazelas dos parlamentares. É até compreensível essa postura, na medida em que noticiar (ou comentar) um parlamento sem crises e sem escândalos não dá ibope, não vende jornal. É uma chatice. Nesse aspecto cabe uma observação feita por Fernando Pedreira: "A imprensa não quer governo, quer crises. Quanto mais crises, melhor. E, havendo crises, a regra é procurar agravá-las, estender-lhes as conseqüências, cavar o buraco cada vez mais fundo."

O que se quer é que a imprensa realize seu trabalho com os olhos voltados também para a responsabilidade pública que ela tem, e não apenas para a responsabilidade que ela exige do parlamento. Voltar as costas para essa responsabilidade significa minar os fundamentos da própria liberdade, sem a qual nem imprensa nem Congresso terão condições de prosperar.

* Deputado federal pelo PFL/SC

JORNAL DO BRASIL 24 MAR 1995